

Veja
30/10/96 36a32
Yolanda

Brasil Índios

Em pé de guerra

Xavantes seqüestram o presidente da Funai e chamam a atenção para um drama antigo

Sandra Brasil e Mônica Bergamo

Os índios brasileiros estão agitados. Na semana passada, no Maranhão, 2 000 guajajaras puseram 150 brancos em cativo na aldeia, durante sete dias. Só libertaram os reféns sob a garantia de que a estrada que corta suas terras será asfaltada no próximo ano. Em Santa Catarina, os caingangues, para forçar a retirada de 41 famílias de posseiros de suas terras, seqüestraram quatro funcionários da Fundação Nacional do Índio, a Funai, o órgão responsável pelo bem-estar dos índios no país. No episódio mais barulhento, um grupo de xavantes invadiu a sede da Funai, em Brasília, para raptar o presidente do órgão, o advogado Júlio Gaiger. Queriam levá-lo ao gabinete do ministro da Justiça, Nelson Jobim, para convencê-lo a demitir Gaiger. Os xavantes temiam que, na reforma do Estado anunciada pelo governo, a Funai fosse extinta. Salvo por um segurança faixa preta em judô, Gaiger fugiu e tomou uma providência: de agora em diante, só recebe índio com hora marcada. "Será como prefeito que vai visitar o governador: tem de ter audiência marcada", explica. Terceiro presidente da Funai desde a posse de Fernando Henrique Cardoso, há um ano e dez meses, Gaiger está garantido em seu posto. Ao contrário do que temiam os xavantes, a Funai não será extinta.

Os episódios de mau humor indígena são sintomas de uma doença profunda — a ausência de uma política indigenista do governo tucano. A dificuldade fica clara, por exemplo, quando se relembra a postura dos três últimos presidentes sobre a questão central do dia-dia dos índios — a demarcação de

suas terras. De olho nos ecologistas do Primeiro Mundo, Fernando Collor demarcou 260 000 quilômetros quadrados de terras indígenas, inclusive o território ianomâmi que faz fronteira com a Venezuela. Itamar Franco limitou as demarcações em 54 000 quilômetros quadrados. Já Fernando Henrique demarcou 68 000, mas, ao mesmo tempo, seu ministro da Justiça assinou um decreto que autoriza a revisão de dois terços de todas as demarcações.

Com a Constituição de 1988, os índios conquistaram um leque de direitos jamais visto na História, mas, na prática, pouco mudou, até porque a maioria desses benefícios não foi regulamentada para entrar em vigor. "A Constituição foi um marco histórico", diz o historiador John Manoel Monteiro, autor de *O Negro da Terra*, um dos mais agudos estudos sobre a questão indígena no Bra-

sil. "Ela rompeu com uma política que vinha desde o Brasil colônia, mas o Estado não está sendo capaz de dar conta dessa mudança." Desde o século XVI, lembra Monteiro, o Estado encarou o índio como uma realidade transitória. Ora o massacrava, ora tomava tímidas medidas para protegê-lo, mas sempre sem acreditar no seu futuro — como um médico que cuida do paciente terminal internado na UTI, mas sabe que lhe resta pouco tempo de vida e nem procura saber qual o remédio a ser empregado a cada momento. "A Constituição

de 1988, pela primeira vez, vê o índio com um horizonte."

Médico na aldeia — Nessa nova realidade, a Funai é hoje quase um fantasma, devido a sua inoperância e ineficiência. Criado em 1967 pelo regime militar, o órgão pretendia ombrear com o Serviço de Proteção ao Índio, que, quando gerido

O Brasil tinha
5 milhões
de índios na época
do descobrimento...

...esse número caiu
para menos de
100 000
em 1957...

...subiu para
200 000
na década de 70...

...hoje, são
325 000 índios

A população indígena
cresce **2,5%**
ao ano. A média
brasileira é de **1,8%**

A CAIRES



LUIS TALES/CB PRESS

Gaiger e os xavantes: sintoma luminoso de que falta uma política

pelo marechal Cândido Mariano Rondon, protegeu os índios. O objetivo da Funai inicialmente era integrar os índios dentro da sociedade branca — uma visão coerente com as crenças militares, que jamais aceitaram a autonomia indígena. Hoje, esse objetivo não tem nada a ver com o que a Constituição diz a respeito dos índios. “Até hoje meu ibope entre os militares está baixo”, diz o ex-ministro Jarbas Passarinho, que demarcou as terras dos ianomâmis no governo Collor. Célebre por cooptar caciques com a oferta de favores e cargos, tanto que emprega 91 índios xavantes, a Funai tem pouco dinheiro e gente demais. São quase 4 000 funcionários, em sua maioria advogados e administradores, e não mais do que trinta antropólogos, indispensáveis para lidar com 215 etnias diferentes. Os médicos, que também são poucos, ainda resistem a ir até as aldeias.

A população indígena está distribuída em **215 etnias**

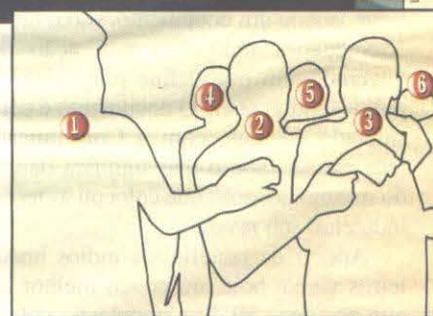
Falam **170** línguas distintas

60% da população indígena brasileira vive na Amazônia

Existem **556** áreas indígenas reconhecidas no país, cobrindo uma extensão de **834 764** quilômetros quadrados (9,8% do território nacional)

“É difícil colocar um médico numa área indígena, pois a maioria quer ficar nos escritórios”, afirma Márcio Santilli, secretário executivo do Instituto Sócio-Ambiental, ISA, ex-presidente da Funai.

“Falta tudo: não tem borracha, caderno, remédio nem roupa para as crianças irem à escola”, diz o cacique xavante Eduardo Tse-redzaro, da aldeia São Jorge, em Mato Grosso, que na semana passada ajudou a empurrar o presidente Gaiger pelas escadarias da Funai. Os gastos com saúde e educação dos índios também são mínimos. Hoje, cada índio recebe menos de 60 reais por ano para saúde, enquanto a média nacional do Ministério da Saúde é de 100 reais per capita — desde que a capita seja de homem branco. Há duas semanas, um indiozinho assurini, de 6 anos, que vive no Xingu, caiu de cama com suspeita de leucemia. A Casa do Índio, um órgão da



- 1 **Vice-cacique Tito Xavante**, 29 anos, da aldeia de Água Limpa, no município de Campinópolis (MT), com apenas trinta habitantes.
- 2 **Cacique Luciano Xavante**, da aldeia Santa Helena, que tem 34 pessoas, também no município de Campinópolis.
- 3 **Júlio Marcos Gaiger**, 40 anos, presidente da Funai. Gaiger é advogado da questão indígena desde 1977, quando fundou uma entidade de apoio ao índio e começou a trabalhar junto aos mbíás e caingangues do Rio Grande do Sul.
- 4 **Jovem guerreiro Henrique Xavante**, 17 anos, da aldeia Barreiro, que tem 32 índios.
- 5 **Cacique Antônio Xavante**, da aldeia Nova Campina, com 145 habitantes.
- 6 **Cacique Lauro Xavante**, da aldeia Boa Vista, com noventa pessoas.

30/10/1996 veja cont.

Funai de Belém, recusou a internação do menino por falta de comida. "Só quando nos comprometemos a pagar a alimentação é que eles aceitaram o garoto", conta o indigenista Tarcísio Feitosa, do Conselho Indigenista Missionário, Cimi. A índia xipaia Maria Santarém, 53 anos, foi fazer exames médicos em Belém há um mês. Até hoje não voltou para sua aldeia porque a Funai não tem dinheiro para pagar a sua passagem.

"Enigma absoluto" — Desde os anos 70, quando começaram a se organizar e ganharam o apoio de ONGs do Primeiro Mundo, os índios mostraram um razoável poder de fogo político. Lotaram as galerias do Congresso e produziram lideranças como o folclórico deputado Juruna, eleito em 1983, e o cacique Raoni, o índio mais globalizado do Brasil. Nesse quadro, o governo Fernando Henrique Cardoso tem mandado sinais invertidos para essa comunidade cada vez mais articulada. "A política indigenista do governo é um enigma absoluto", diz o antropólogo João Pacheco de Oliveira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em abril, Fernando Henrique lançou um documento, sob o título "Sociedades indígenas e a ação do governo", em que define princípios de política indigenista. O documento é considerado coerente com a Constituição, mas não se sabe o que significa dentro do mesmo governo que colocou as terras indígenas sob revisão.

Apesar da penúria, os índios brasileiros vivem hoje um pouco melhor do que nos anos 50. Sua população voltou a crescer. Era de 100 000 em 1957, e hoje é de mais de 325 000. A taxa de crescimento é de cerca de 2,5%, enquanto a média nacional é de apenas 1,8%. Existem tribos que crescem 5,7% ao ano, uma taxa altíssima. É difícil explicar esse fenômeno, mas os especialistas o atribuem à demarcação de terras, à melhor atenção que os índios têm das ONGs e até a um fenômeno chamado síndrome da extinção. "Esse medo fez com que muitos índios se reproduzissem mais para que seus povos não desaparecessem", diz Santilli. É excelente que o índio cresça e tenha a terra. A diversidade dos índios, e sua tremenda riqueza, faz com que cada brasileiro possa orgulhar-se de integrar um país com um patrimônio cultural diferente de todas as outras sociedades humanas que há na Terra. ■